

O romance-paródia de Almeida Faria

Sandra Helena Terciotti

Ao compararmos o enredo do romance *O Conquistador*, do escritor português contemporâneo Almeida Faria, com a história da vida do décimo-sexto rei português D. Sebastião, que viveu entre 1554 e 1578, encontramos várias semelhanças. A primeira semelhança verificada entre ambos é o nome do narrador-protagonista Sebastião Correia de Castro que, tal como *O Desejado* (epíteto usado para qualificar D. Sebastião), nasceu em 19 de janeiro, dia de São Sebastião.

Outro ponto de contato é o fato de o herói de Almeida Faria ter nascido num dia de nevoeiro proveniente do norte da África, justamente o local onde se deu o desaparecimento de D. Sebastião durante a famosa batalha de Alcácer-Quibir (originalmente Al Qasr Kibir, que significa “castelo grande”) ocorrida em 1578, como mostra esta passagem do cap. I:

“Na véspera do meu nascimento caíra sobre a serra de Sintra a tempestade mais tremenda de que as pessoas se lembram. A aurora chegara enrolada em nimbos baixos, tão carregados de cúmulos em forma de couve-flor de chumbo que nunca, em muitos anos de embarcado, meu pai observara tal espessura de nuvens, tal secura de trovões (...)” (p.16)

O nome dos avós do herói também remetem ao nome dos avós de *O Desejado* (Catarina - D. Catarina de Áustria (1507-1578), rainha de Portugal e irmã de Carlos V (1500-1558); João Correia - D. João III, décimo-quinto rei português que viveu entre 1502 e 1557). O mesmo pode ser observado em relação ao nome da mãe (Joana Correia de Castro - Dona Juana de Habsburgo (1535-1573), mais conhecida como Juana de Áustria, irmã de Felipe II (1527-1598)) e do pai de nosso herói (João de Castro – D. João Manuel, príncipe-herdeiro e último remanescente dos nove filhos do rei D. João III).

A semelhança física entre o narrador-personagem e D. Sebastião é igualmente evidente:

“Que te importam as diferenças físicas, por várias gente notadas, em relação aos pais que te geraram, ou que só te adoptaram? ... Que teus pais fossem morenos, altos, de feições e narizes compridos,

enquanto tu és louro, entroncado, de olhos claros, curto o nariz, redonda a cara, a boca de carnudos lábios, o de baixo descaído como o de Catarina ...” (p.20)

A presença de uma anormalidade física é outro ponto de contato entre ambos: o narrador-protagonista de *O Conquistador* nasceu com seis dedos no pé direito, enquanto D. Sebastião teria nascido hermafrodito, ou seja, dotado de órgãos reprodutores dos dois sexos, fato que talvez explique sua misoginia ou repulsa ao contato sexual com as mulheres.

A ênfase na imaginação é outro aspecto que aproxima o herói do romance de Almeida Faria do visionário rei português, como mostram as passagens abaixo:

“Com tua avó és vagamente parecido ... na imaginação que perde o pé à realidade.” (p. 20)

“Não corre mais quem caminha, mas quem mais imagina.” (p. 132)

Foi justamente por seu caráter devaneador que D. Sebastião sofreu uma estrondosa derrota na batalha de Alcácer Quibir, levando oito mil, dos vinte e cinco mil homens alistados em sua Cruzada, a tombarem no campo de batalha.

Podemos apontar ainda a seguinte semelhança entre nosso herói e o rei quinhentista: a data da narração é julho do ano do 24º aniversário do herói que, coincidentemente à altura da página 24, afirma: “De nada mais preciso neste dia do meu vigésimo quarto aniversário.” Foi com essa mesma idade que o corpo de D. Sebastião desapareceu na referida batalha de Alcácer Quibir, fato que justifica o temor do narrador-protagonista de morrer jovem:

“Assaltado pelo supersticioso receio de não viver mais que D. Sebastião, e mergulhado na melancolia pela precariedade da vida, refugiei-me há um mês, durante o Natal do ano passado, na ermida da Peninha. ... Só quero repensar, até ao ameaçador mês de agosto, o que fiz e não fiz de mim.” (p. 23)

A história do nascimento do herói, inventada pela avó Catarina e divulgada por João de Castro, pai do narrador-personagem, assemelha-se às quadras do sapateiro e poeta popular Gonçalo Eanes Bandarra, as quais reforçaram, junto à sociedade portuguesa

quinhentista, a idéia do regresso d*O Desejado* num dia de nevoeiro, dando origem ao mito sebastianista:

“Foi minha avó Catarina – e as avós nunca mentem – quem me meteu esta ideia na cabeça. Costumava contar-me que, num dia de inverno, de manhã cedo, apesar do nevoeiro, o faroleiro João de Castro tinha ido à praia da Adraga apanhar polvos, quando deu comigo metido num ovo enorme, com a cabeça, as pernas e os braços de fora.” (p.15)

O romance *O Conquistador* faz uma revisão do mito sebastianista por meio da paródia¹, destruindo-o, mas, ao mesmo tempo, revigorando-o sob novas condições: rejeita o lado guerreiro e acentua o lado voluptuoso, invertendo a equação que caracterizava o misógino rei português e, ao mesmo tempo, propondo a construção do Quinto Império não mais sob o signo de Marte (“Nunca gramei guerreiros” Cap.IV, p.69), mas agora sob o signo de Vênus (“Fiz o que o Outro não fez.” Cap.VII, p.133), deusa mitológica que, n*Os Lusíadas*, guia os portugueses às Índias e de volta a Portugal. Como afirmamos há pouco que n*O Conquistador* temos uma nova leitura do mito sebastianista, cumpre esclarecer a origem desse mito: em 1578, quando Portugal ainda vivia seu apogeu histórico, o jovem rei D. Sebastião, que subira ao trono em 1568, aos quatorze anos de idade, resolveu atacar o exército mouro de Abd al-Malik, no norte da África. O resultado, a batalha de Alcácer Quibir, em território que hoje pertence ao Marrocos, foi desastroso: milhares de portugueses morreram em combate ou foram aprisionados, D. Sebastião desapareceu e seu corpo jamais foi encontrado. Como não deixara herdeiros, o trono foi ocupado provisoriamente pelo cardeal D. Henrique, morto em 1580. Em seguida, Filipe II, da Espanha, decide dominar Portugal, que passa então a ser mera colônia espanhola, situação que perdurará por sessenta longos anos. No entanto, logo após a morte de D. Sebastião, começaram a circular em Lisboa quadrinhas populares atribuídas a um humilde sapateiro e poeta popular chamado Gonçalo Eanes Bandarra. O sentido obscuro dessas quadrinhas leva o povo a interpretá-las como uma profecia segundo a qual D. Sebastião (também conhecido como *O Encoberto* ou *O Desejado*, já que nenhum outro rei fora tão desejado quanto ele) não estaria morto, mas apenas aguardava o momento oportuno de regressar e recuperar a

¹ Em seu *Dicionário de termos literários*, Massaud Moisés afirma que a paródia é uma “composição literária que imita cômica ou satiricamente, o tema ou/e a forma de uma obra séria”, com o propósito de “ridicularizar uma tendência ou um estilo que, por qualquer motivo, se torna conhecido e dominante” . (p.388)

soberania para Portugal, livrando o país do domínio espanhol. A profecia da volta de D. Sebastião jamais se realizou, mas o misterioso desaparecimento de seu corpo deu origem ao mito sebastianista que, desde então, vem à tona sempre que Portugal atravessa uma crise, tal como ocorreu no início do século XIX, quando as tropas napoleônicas invadiram o país, e em 1890, quando a Grã-Bretanha forçou a retirada das tropas portuguesas de uma região da África chamada Xire, sob pena de declarar guerra aos portugueses.

Ao contrário de D. Sebastião, o herói do romance de Almeida Faria tem verdadeira aversão às batalhas e, para fugir da guerra contra as “Províncias Ultramarinas”, situadas na África (paradoxalmente o mesmo continente pelo qual D. Sebastião dá a vida), vai a Paris, onde exerce a função de “*hôtesse* no masculino”, ou seja, de acompanhante de “mulheres que detestassem sair ou comer sozinhas”. A passagem transcrita abaixo revela sua aversão pelas guerras:

“A minha missão específica, se a tinha, não se compadecia com guerras sem sentido.” (p. 115)

O nascimento num ovo encontrado na praia acentua o caráter mítico do herói do romance, já que o ovo simboliza não só o nascimento do Homem primordial que organizará o caos, mas também a perfeição, a totalidade, a prosperidade, a ressurreição que, diferentemente do nascimento, remete ao eterno retorno. O mar, responsável pela criação do Império português, também figura no *Conquistador* como elemento criador do herói, que é encontrado na praia da Adraga por seu futuro pai adotivo, o faroleiro João de Castro:

“Costumava contar-me que, num dia de inverno, de manhã cedo, apesar do nevoeiro, o faroleiro João de Castro tinha ido à praia da Adraga apanhar polvos, quando deu comigo metido num ovo enorme, com a cabeça, as pernas e os braços de fora.” (p. 15)

O tempo mítico, caracterizado pela circularidade perene, sem começo nem fim, perpassa toda a narrativa, manifestando-se na tempestade que prenuncia o nascimento do herói, no extraordinário nascimento do herói (nascido de um ovo e com “seis dedos no pé direito”) e em expressões como “avô semimítico”. Podemos ainda entrever o tempo mítico em passagens como estas:

“Vindas do mar, lufadas de névoa avançavam em direcção à Serra, como um exército desordenado recuando em debandada. Este espectáculo criou nos presentes, e ignoro se em meu pai, a convicção de que não seria casual a coincidência de el-rei D. Sebastião e eu termos vindo ao mundo no dia do santo do mesmo nome.” (p. 19)

“Segundo meus pais, muitas vezes eu acordava a berrar, como se assaltado pelos diabos. Mas não eram diabos, eram homens que me queriam estrangular, trespassar à espada, à lança ou à facada. Quando agora fecho os olhos... regressam as lutas de dois *gangs* rivais que mutuamente tentam liquidar-se. Num dos bandos abunda gente de turbante, que pelos vistos me considera seu inimigo... Por palpites distingo quem é quem, sob o sol e a poeira que não me deixam ver e me fazem vacilar de tonturas e vômitos.” (p. 35)

“Entre os meus passatempos, aquele que mais me entretinha era o da Corte... A avó, pelo contrário, interpretava os meus espetáculos como mais um certíssimo sinal de reencarnação predestinada. Sempre que me apanhava em flagrante diálogo com duques e duquesas, condes e condessas, marqueses e marquesas, Catarina corria a buscar alguém da vizinhança...” (p. 37)

O narrador-personagem fala pela primeira vez aos três anos de idade, na festa de Pentecostes, fato que reforça o mito do Quinto Império, também chamado de Império do Paracleto:

“Perto do Pentecostes desentaramelou-se enfim a minha língua.” (p. 33).

Como o mito do Quinto Império está intimamente relacionado ao mito sebastianista, julgamos necessário também esclarecer a origem do primeiro: o rei da Babilônia Nabucodonosor, que viveu entre 605 e 562 a.C., sonhou com uma estátua que tinha cabeça de ouro, peito de prata, ventre de bronze e pés de ferro. Chamado para interpretar o sonho do rei, o profeta Daniel explicou-lhe que cada uma das partes da estátua representava um dos quatro impérios da humanidade (ouro, Babilônia; prata, Pérsia; bronze, Grécia; ferro, Roma) e que o quinto império seria inaugurado pela volta de Cristo na terra. Ocorre que tanto o Pe. Antônio Vieira (1608-1697) quanto Fernando Pessoa (1888-1935) associaram essa profecia ao mito sebastianista, igualando D. Sebastião a Cristo, e Portugal ao Quinto Império.

Além dos mitos sebastianista e do Quinto Império, encontramos n*O Conquistador* o mito de D. Juan às avessas, totalmente antitético em relação ao mito original caracterizado pela misoginia.

O romance de Almeida Faria também subverte o mito de D. Juan, pois, ao contrário deste, o narrador-protagonista d*O Conquistador* aprende o respeito às mulheres através de suas conquistas amorosas, as quais, somadas à dupla experiência de michê (uma no Hotel Central, situado em Sintra, e outra em Paris), constituem uma aprendizagem do feminino, como mostram estas passagens:

“Pressenti que a constante transformação definia as mulheres.” (p. 37)

“Justina me ensinou a amar as mulheres.” (p. 52)

“Como Justina fora setemesina, concluí que as mulheres da minha vida revelavam desde a gestação precocidades invulgares.” (p. 70)

“Doutorei que certas mulheres preferem um tipo de homem inatingível, que lhes dê maior margem à fantasia.” (p. 108)

O esvaziamento do mito sebastianista revela não só o desejo de romper com a inércia e o determinismo que eximem o homem da responsabilidade pela negatividade do presente mas também a vontade de promover a reformulação desse mito. Esses desejos de transformação e reformulação são confirmados pela recorrência do número sete (sete capítulos, sete amantes, sete meses na ermida, sete estrelas no último pesadelo), o qual, segundo Chevalier & Gheerbrant (1998), “indica o sentido de uma mudança depois de um ciclo concluído e de uma renovação positiva”.

Ao final da narrativa, Almeida Faria deixa o esvaziamento do mito ser novamente preenchido pela arte, representada tanto pela linguagem artística quanto pelos desenhos surreais do amigo do narrador-personagem os quais povoam seus pesadelos.

Bibliografia

CHEVALIER, J. & GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

FARIA, Almeida. **O Conquistador.** Lisboa: Caminho, 1990.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários.** São Paulo: Cultrix, 1995.

____. **A criação literária – prosa I.** São Paulo: Cultrix, 1995.

RORIZ, Aydano. **O Desejado – a fascinante história de Dom Sebastião.** São Paulo: Ediouro, 2002.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.